

LOGÍSTICA HUMANITÁRIA: CONCEITOS PARA O GERENCIAMENTO DE RISCOS AMBIENTAIS

DOI: <http://dx.doi.org/10.55449/congea.13.22.I-012>

Larissa Costa da Silva, Natalia Freire Pereira Silva, Natalí Sena Silva, Sarah da Silva D. Lira, Amelia Aline Cavalcante Lima Oliveira

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL. larissasilva.20200006610@uemasul.edu.br

RESUMO

Desastres têm se tornado um grande alvo no mundo, atingindo os moradores das vias urbanas e rurais. A gestão de operações em logística humanitária tem um grande incentivo para diminuir o sofrimento das vítimas afetadas em todas as fases dos desastres. Assim, as situações de desastres naturais e tecnológicos que a logística humanitária está inserida. Ela cobre os processos e sistemas que envolvem a mobilização de pessoas, recursos, habilidades e conhecimentos para ajudar as pessoas vulneráveis afetadas por desastres. O presente artigo tem como objetivo constituir uma revisão da literatura a respeito do tema e deseja abranger o conceito de logística humanitária, contextualização, e os maiores desafios enfrentados pela logística humanitária e as medidas a serem aplicadas para melhorar o seu desempenho.

PALAVRAS-CHAVE: Logística humanitária, Desastres, Desafios, Cadeia de Suprimentos.

INTRODUÇÃO

Desastres têm sido cada vez mais frequentes no mundo, atingindo populações residentes de áreas urbanas e rurais e provocando danos de ordem material e imaterial. A gestão de operações em desastres e, em especial, a logística humanitária são fundamentais para minimizar o sofrimento das vítimas afetadas em todas as fases dos desastres. Assim, é neste contexto de situações de desastres naturais (como enchentes, furacões, terremotos) e tecnológicos (como colapso de edificações, rompimento de barragens), que a logística humanitária está inserida. Ela abrange os processos e sistemas envolvidos na mobilização de pessoas, recursos, habilidades e conhecimentos para ajudar as pessoas vulneráveis afetadas por desastres (OLIVEIRA, 2019).

Brasil, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais (IBGE, 2018) registrou que apenas 26,84% (1.495) das cidades brasileiras são possuidoras de um mapeamento das áreas de risco de enchentes ou inundações. Ainda, segundo o IBGE, somente 16,53% possuem um plano de contingência ou emergência para atuar em catástrofes, ou seja, das 5570 cidades brasileiras, apenas 921 estão preparadas para agir. Este cenário indica que a maioria das cidades brasileiras está despreparada para lidar com eventuais desastres ambientais.

Thomas e Kopczak (2005) definem Logística Humanitária como o processo de planejar, implementar e controlar o fluxo e o armazenamento de bens e materiais, bem como a gestão das informações relacionadas, do ponto de origem até o ponto de consumo, com o objetivo de aliviar o sofrimento das pessoas vulneráveis. Para tanto, uma série de atividades são englobadas em sua função, incluindo preparação, planejamento, aquisição, transporte e armazenamento. Tal conceito destaca que, não basta ser eficiente, é necessário ser eficaz, isto é, o auxílio deve chegar ao seu destino de maneira correta e em tempo oportuno.

Segundo Natarajarathinam et al. (2009), os desastres são eventos súbitos e inesperados ou lentos, caracterizados por atingir uma determinada região causando danos econômicos, sociais e ambientais e podendo resultar em mortos e feridos. Por tratar-se de eventos não facilmente administráveis por procedimentos rotineiros, verifica-se a necessidade de atuação conjunta de entidades como, órgãos governamentais, setores privados, agências humanitárias e comunidades, em ações preventivas de regiões vulneráveis a desastres. Os desastres podem ser derivados de causas naturais (inundações, secas, terremotos, furacões e fome) ou podem ser provocados pelo homem (como guerras, conflitos e crise de refugiados), impactando comunidades e nações ao redor do mundo (VILLAR, 2012).

Nesse contexto, vários problemas relacionados à logística humanitária permanecem com foco como: Quais são as estruturas predominantes nos canais de ajuda humanitária? Eles dependem do tipo de desastre? Como determinar o número e a localização dos centros de serviço, levando em consideração variabilidade e incerteza da demanda? Como a ajuda deve chegar à área do desastre, como se planeja isso? Como definir prioridades, por exemplo, estipulando quais são as necessidades mais urgentes em cada tipo de desastre? Pode haver uma relação entre os canais de distribuição cooperativos, em com canais humanitários? (NOGUEIRA e GONÇALVES (2009); NOVAES, 2007).

OBJETIVOS

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma breve revisão da literatura sobre o conceito de logística humanitária, sua contextualização, além dos principais desafios enfrentados pela logística humanitária e as medidas a serem adotadas para melhor o seu desempenho.

METODOLOGIA

Utilizamos as referências de Cervo e Bervian (2006) para apresentar este estudo como uma pesquisa explicativa e de caráter bibliográfico, apresentando como recurso teórico-metodológico um breve histórico acerca do desenvolvimento da logística até as operações humanitárias em resposta aos desastres, considerando seu planejamento e os atores envolvidos. Além disso, são identificados os desafios da logística humanitária, assim como as oportunidades da mesma na perspectiva da gestão ambiental. Para a realização do estudo também, utilizou-se os métodos de abordagem qualitativa. Quanto aos fins, a pesquisa classifica-se como descritiva e quanto aos meios, como pesquisa bibliográfica. Descritiva porque procurou descrever um breve histórico acerca do desenvolvimento da logística até as operações humanitárias em resposta aos desastres, considerando seu planejamento e os atores envolvidos. Além disso, são identificados os desafios da logística humanitária, assim como as oportunidades da mesma na perspectiva da gestão ambiental.

RESULTADOS

A logística é um aspecto crítico para o sucesso de uma operação humanitária (COSTA et al., 2015; VAN WASSENHOVE, 2006; TRUNICK, 2005). Nesse aspecto, cinco pilares que devem ser levados em consideração para que a logística humanitária produza resultados efetivos. São eles: Recursos Humanos, Administração de Conhecimento, Logística, Recursos Financeiros e a Comunidade. O ideal é que estes cinco pilares estejam interconectados (VAN WASSENHOVE, 2006).

Recursos Humanos: Os recursos humanos devem ser compostos de pessoas bem selecionadas e adequadamente treinadas. Uma questão frequente para as organizações humanitárias é a limitação de funcionários treinados e/ou especialistas para atuação em situações emergenciais. Outra questão está ligada à elevada troca de funcionários com uma forte dependência de voluntários. Em geral, os incentivos para profissionalização são pequenos e assim muito do trabalho é baseado na devoção e motivação.

Administração de Conhecimento: Captar e transferir o conhecimento em relação às operações logísticas é uma questão crítica para a maioria das organizações que, como mencionado antes, sofrem com a alta troca de funcionários. O processo de conhecimento deve ser conduzido de forma a permitir que as pessoas possam usar e compartilhar experiências de outros eventos. Esta ideia pode estar alinhada com o desenvolvimento de um nível mínimo de competência em cada especialidade. (Ex.: higiene da água, telecomunicações, estoques, etc.).

Logística: Requer uma mudança na estrutura organizacional com novas divisões; uma nova estratégia (itens padronizados, sistemas de controle de mercadorias, administração de inventário, etc.); e funções de maneira a permitir a realização de todo o percurso desde a preparação até a administração do desastre. Recursos Financeiros: Na questão dos recursos financeiros um dos elementos fundamentais é a habilidade de arrecadar fundos durante o desastre e principalmente para o pós-desastre. O desafio nesta área é ampliar a base de doações e garantir a neutralidade da organização sem comprometimentos políticos. Internamente, essa área também lida com as obrigações organizacionais.

Comunidade: A administração pública e todas as organizações envolvidas na administração humanitária devem encontrar maneiras efetivas de formar parcerias e usar o conhecimento e competência da comunidade.

A distribuição final, talvez seja um dos desafios logísticos mais cruciais, já que grande parte das infraestruturas e acha destruída ou danificada. Uma maneira de superar esse problema, de certa forma, consiste em recorrer à ajuda dos meios de comunicação e às informações, de modo que os itens prioritários cheguem aos lugares onde há maior necessidade deles. Um outro grande desafio a ser enfrentado é o reconhecimento, por parte das autoridades governamentais e organizações assistenciais, da real importância da logística humanitária no desenvolvimento de processos previamente preparados, capazes de minimizar o elevado grau de improvisação e maximizar a eficiência e eficácia de uma ação emergencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho apresentamos alguns conceitos envolvidos no gerenciamento do risco de desastres ambientais sob a ótica da logística humanitária e, por meio desta pesquisa, foi possível identificar as oportunidades e desafios do gerenciamento de desastres. No entanto, o tema ainda carece de maior estruturação e de continuidade das pesquisas com o propósito de um maior planejamento e estruturação das atividades a fim de reduzir a quantidade e a proporcão dos desastres naturais.

Foi possível verificar, entre outros aspectos, que o planejamento de medidas de prevenção e mitigação de desastres, associado ao planejamento de ações de resposta imediata e de recuperação, pode ser considerado como uma eficiente forma de promover a redução o impacto dos desastres (provocados ou naturais). Para isso, faz-se necessário que sejam desenvolvidas políticas públicas que proponham a revisão do papel do próprio Estado, das organizações privadas e do terceiro setor com a finalidade de proporcionar incentivos para o investimento nesse viés logístico que apresenta grande potencial diante da crise socioambiental vigente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CERVO, A.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6ª ed. São Paulo: Pearson, 2006.
2. COSTA, Sérgio Ricardo Argollo da et al. Cadeia de suprimentos humanitária: uma análise dos processos de atuação em desastres naturais. **Production**, v. 25, n. 4. 2015.
3. NATARAJARATHINAM, Malini, CAPAR, Ismail; NARAYANAN, Arunachalam. “Gerenciando cadeias de suprimentos em tempos de crise: uma revisão da literatura e insights.” **International Journal of Physical Distribution & Logistics Management**. 39:535-573, 2009.
4. NOVAES. Antonio Galvão. **Logística e Gerenciamento da Cadeia de Distribuição**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
5. NOGUEIRA, Christiane Wenck. GONÇALVES, Mirian Buss. A LOGÍSTICA HUMANITÁRIA: APONTAMENTOS E A PERSPECTIVA DA CADEIA DE ASSISTENCIA HUMANITÁRIA. XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO A **Engenharia de Produção e o Desenvolvimento Sustentável: Integrando Tecnologia e Gestão**., Salvador, BA, Brasil., p. 1-14, 6 out. 2009.
6. OLIVEIRA. SOARES. Elisângela Fátima de. Eva Bessa. Logística humanitária: o desafio da gestão diante de desastres. **Brazilian Journal of Business**, Minas Gerais, v. 1, n. 3, p. 1-11, 16 set. 2019.
7. TRUNICK, P. Specialreport: deliveringreliefto tsunami victims. **LogisticsToday**, 46 (2), 1-3. 2005.
8. THOMAS, A. S., e KOPCZAK, L. R. (2005). From logistics to supply chain management: the path forward in the humanitarian sector. Fritz Institute, 15(1), 1-15. Tomasini, R. M., & Van Wassenhove, L. N. From preparedness to partnerships: case study research on humanitarian logistics. **International Transactions in operational research**, 16 (5), 549-559, 2009.
9. VAN WASSENHOVE, L. Humanitarianaidlogistics: supplychain management in high gear. **The Journal of the Operational Research Society**, 57(5), 475-498. 2006.
10. VILLAR. SANTOS. BURGARELLI. Cristiane Biazzin. Enise Aragão dos. Elaine Cristina. et al. Logística Humanitária: Conceitos, Relacionamentos e Oportunidades. **EnANPAD**, Rio de Janeiro, p. 01-15, 22 fev. 2012.